

A CIDADANIA COMO ACESSO AO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Autor: (a): Alzira Maria Câmara Amado de Oliveira (*alziracamara@yahoo.com*)

Coautor (a): Raíres Joice Silva Basílio – (*rairesjoice@gmail.com*)

Escola Estadual “4 de Setembro” – (escola_setembro@hotmail.com)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- (pferros@uern.com).

RESUMO

Sabe-se que um dos deveres da escola é educar para a formação de valores éticos, caminho que leva à construção da cidadania. Pautados nessa premissa, alguns bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) desenvolveram um plano de ação na turma de 9º ano de EJA na Escola Estadual “4 de Setembro”, como parte das atividades propostas pelo subprojeto “As Práticas de Linguagens na Sociedade Tecnológica”, do PIBID/Português/CAMEAM. Este trabalho tem como proposta relatar as experiências vividas pelos bolsistas e supervisora quando da aplicação do projeto “Cidadania na Escola”, que teve como procedimentos metodológicos a leitura de textos, produção e realização de entrevistas, realização de mesas-redondas e de uma noite de cidadania em que foram prestados serviços à comunidade escolar e sociedade pelos próprios estudantes e outros parceiros convidados. Para a efetivação das atividades, os gêneros textuais Entrevista e Documentário Fílmico foram trabalhados a fim de que se obtivesse resultado positivo tanto na oralidade dos alunos como na escrita, pontos essenciais na formação acadêmica do aluno. A participação dos alunos foi significativa, uma vez que eles puderam expor suas habilidades como cidadãos, estudantes e profissionais, fazendo um elo entre a vida escolar e a social, tanto na mesa-redonda quanto na noite da cidadania, produzindo em parceria com os bolsistas um esboço de um documentário das próprias atividades feitas durante o semestre. Como suporte teórico, baseou-se em Maria Terezinha C. Teixeira dos Santos (2007), Lucia Helena Lodi, Ulisses F. Araújo (2007) Luiz Antonio Marcuschi (2002).

PALAVRAS-CHAVE: Escola, Educação de Jovens e Adultos, Cidadania.

INTRODUÇÃO:

A necessidade de conscientizar o aluno de EJA dos seus direitos e deveres como cidadão na sociedade atual foi o ponto norteador do projeto que contou com a participação de todos em cada etapa realizada, mostrando que é possível agregar valores sociais e a educação para formar um cidadão crítico e reflexivo. A discussão que se desdobra em torno da cidadania é imensa, isso porque ela é bastante ampla e compreende diferentes esferas sociais, talvez por isso, o tema esteja em pauta no Brasil nas últimas décadas nas mais diversas áreas da sociedade e, na educação, não é diferente.

Assim, o viés que iremos tomar é o da educação, a escola enquanto instituição responsável por formar sujeitos pensantes e ativos em suas práticas pessoais e sociais. Segundo Araújo (2007)

“Em seu sentido tradicional, a cidadania expressa um conjunto de direitos e deveres que permite aos cidadãos e cidadãs o direito de participar da vida política e pública.”, se nos embasarmos nessa colocação, veremos que já se tornou monótono esse discurso de direitos/deveres, porém, é preciso sim, repeti-lo e, conscientizar a todos do que devemos fazer para, então, termos direito a determinados benefícios.

Para fundamentar nosso trabalho, trazemos importantes contribuições teóricas, como o posicionamento de Maria Terezinha C. Teixeira dos Santos (2007), Lucia Helena Lodi e Ulisses F. Araújo (2007), pesquisadores que estudam em torno da educação, escola e cidadania e, que apontam/apresentam seus trabalhos no livro: “Ética e Cidadania: Construindo valores na Escola e Sociedade”, bem como as noções de gêneros textuais apontadas por Luiz Antonio Marcushi (2002).

A cidadania em ação na escola

A escola é quem toma posição de trazer a cidadania para dentro de seus parâmetros, pois o que aluno aprende intra muro e como ele se porta diante dela é a forma que, possivelmente, refletirá na sociedade, uma vez que seu comportamento, suas ações e até seu interesse pela escola estão diretamente ligados ao que ele será futuramente em seu ambiente de trabalho e demais âmbitos em que vá atuar.

Trabalhar com um público de EJA é um pouco difícil, não só por se tratar de alunos que não se encontram em pé de igualdade ao currículo do ensino regular, mas por existir ainda a pouca frequência, a evasão e o desinteresse dos alunos, pelas próprias condições inerentes a esse tipo de estudante, jovens que trabalham o dia todo e já chegam à escola desmotivados. No entanto, segundo os PCNs EJA, os educandos precisam ser levados a compreender a complexidade das questões políticas, sociais e de cidadania, bem como superar atitudes de passividade, de adesão ou contestação ingênua frente ao "sistema" ou a personalidades da vida política. Apesar das dificuldades, é possível também ditar pontos positivos, já que o público em pauta é representado por adultos ou jovens pensantes, atuantes na sociedade e, muitas vezes, conhecedores de seus direitos e deveres, o que torna propício o trabalho de conteúdos temáticos que norteiam a vivência do aluno, como a cidadania, por exemplo, uma vez que, como dissemos em linhas pretéritas, a grande maioria dos alunos já assumem responsabilidades, trabalham, têm filhos, etc. e isso lhes possibilita já conhecerem “de perto” a realidade da vida, no sentido de buscar seu lugar na sociedade, trabalhar para se sustentar, obter um diploma.

O papel da escola no exercício da cidadania é, sobretudo, fundamental. Se acreditamos na escola como entidade que tem o intuito de formar, de educar, acreditamos também que ela seja a porta de entrada para a preparação do sujeito que passa por esse processo de formação; já que todos nós temos o direito à educação, que é frisada na escola, então todos nós temos também o direito à cidadania, que é ensinada na escola e vivenciada na sociedade, Araújo e Lodi (2007) reforçam essa ideia:

Aprender a ser cidadão e a ser cidadã é, entre outras coisas, aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não violência, aprender a usar o diálogo nas mais diferentes situações e comprometer-se com o que acontece na vida coletiva da comunidade do país. Esses valores e essas atitudes precisam ser aprendidos e desenvolvidos pelos estudantes e, portanto, podem e devem ser ensinados na escola. (ARAÚJO e LODI, 2007, p. 69).

Seguindo esse posicionamento, é possível afirmar que a escola é o espaço onde a cidadania se prega com mais ênfase, uma vez que é nesse ambiente em que os alunos aprendem mais sobre responsabilidades e compromissos, direitos e deveres, sobre como devem se comportar em diferentes situações sociais. No entanto, não se pode negar que muitas vezes a escola sozinha não consegue efetivar essa prática, tendo em vista o tempo que esse aluno passa na escola e os motivos que o levam à evasão ou baixa frequência no curso das aulas; outro fator é o das relações interpessoais que estão além dos muros escolares, aquelas que o estudante possui na sua vida cotidiana em casa e na rua.

Nas palavras de Dimenstein (2011), a cidadania ganha uma proporção que se adepta à realidade vivida por qualquer indivíduo na sociedade, o da liberdade de escolhas e da boa convivência. Segundo ele, saber o que é cidadania é muito importante, pois ela é muito usada e apresenta vários sentidos. Mas, em essência, como ressalta, é o direito de viver decentemente, com dignidade cumprindo deveres e usufruindo de seus direitos.

Dessa forma, é preciso levar em consideração, quando se fala em cidadania, que ela não se trata de algo isolado, está agregada a valores éticos, morais e principalmente culturais. Ora, se estamos lidando com a formação de sujeitos, é necessário buscar conhecer a vida desse sujeito além da escola, deve-se ser consciente que se tratando de realidades diferentes, há também de certa forma culturas diferentes, e como a escola recebe a demanda de alunos que se diferem em contextos sociais, ela se responsabiliza em lidar com desigualdades e diferenças, o que significa dizer que se a escola é um direito de todos, é ela o melhor lugar para aprender; ela recebe várias realidades, mas se

organiza para que todos tenham o mesmo tratamento e direitos, isso é cidadania, e é isso que os alunos devem aprender e praticar, que mesmo não sendo todos de mesma condição, todos têm os mesmos direitos e, portanto, todos têm também os mesmos deveres.

É na escola onde o aluno passa bom tempo ao longo de sua vida, querendo ou não, é nela onde se tem mais acesso ao conhecimento, às experiências e aprendizados que levará consigo para a vida, e é justamente nesse ambiente onde o sujeito pode pensar em como levar seu projeto de vida adiante, porque nela se aprende muito mais do que a ler, escrever ou calcular. Através de projetos, mobilizações, eventos e manifestações, como já comprovado por vários meios, realmente o aluno passa a ser um sujeito agente da relação escola e aluno, e isso contribui, em parcela significativa, para que o discente vá além do frequentar a escola, e não para tão somente decodificar os conhecimentos passados pelos professores. Por meio desses eventuais momentos ele se reabilita, vê que pode se apresentar, que é mais um espaço a ele cedido, para que possa ter mais voz, expor seus talentos e sentir-se um cidadão ativo no exercício da cidadania, por isso a escola é portadora de tamanha responsabilidade, porque ela leva em consideração também a vida de seu aluno fora dela, Araújo (2007) reforça a essa ideia:

A educação do cidadão e da cidadã deve levar em conta a dimensão comunitária das pessoas, seu projeto pessoal e também sua capacidade de universalização, que deve ser exercida dialogicamente, pois, dessa maneira, poderão ajudar na construção do melhor mundo possível, demonstrando saber que são responsáveis pela realidade social. (ARAÚJO, 2007, p. 19)

É uma forma inteligente trabalhar a educação da cidadania estendendo-se para a vida do aluno além da escola, afinal, ele precisará ainda mais dela quando sair, porque é justamente onde começará “sozinho” a buscar seus objetivos e metas de vida. No nosso caso, o aluno de EJA tem um caráter especial, pois muitas vezes ele já traz consigo uma parcela de vivência, de experiências, o que não impede de fazermos um trabalho de cidadania para o real exercício dela.

Sendo assim, vemos cultura e cidadania interligadas, e, ao trabalharmos em sala de aula o gênero entrevista, buscamos levar isso para o lado ético e moral. Mediante esse gênero nos apropriamos de temáticas bastante recorrentes e discutidas, como é o caso das lutas/causas indígenas e o (des) respeito ao idoso, temas esses que percorreram quase todo o semestre, permeado de atividades, discussões e até mesmo mesa-redonda e uma noite cultural na escola.

Consoante Marcushi (2002) “Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social.” e seguindo por essa linha

de raciocínio, pensamos na ideia de inserir no plano de ação os gêneros Entrevista e Documentário Fílmico, uma vez que são textos que estão ligados ao cotidiano do aluno e podem ser trabalhados de diversas formas, desde o aspecto formal da estrutura até a produção prática deles, corroborando com a ideia de que gêneros “ São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”, assinalada por Marcuschi (2002).

CIDADANIA NA ESCOLA: AS EXPERIÊNCIAS E APRENDIZADO ADQUIRIDO

Tomando como partido a cidadania, no sentido de trabalhá-la em sala trazendo para os nossos alunos a importância de se ter noção sobre ela e de como devemos nos comportar em sociedade, buscamos conscientizar os discentes de nossos direitos, mas que para recorreremos a eles, precisamos, sobretudo, exercer nossos deveres como cidadãos de bem.

O projeto “Cidadania em ação na escola” foi idealizado na intenção de proporcionar aos nossos alunos um momento de um “fazer cidadão”, um registro de atividades voluntárias feitas por parte de profissionais e alunos que disponibilizaram seu tempo e trabalho para atender a todas as pessoas que visitaram o nosso evento, de porte pequeno, mas que tomou proporção significativa. A noite serviu de culminância das atividades desenvolvidas no primeiro semestre de 2015, na turma de 9º ano da EJA. Entretanto, no curso das aulas, foram trabalhadas atividades diversas pautadas no tema cidadania em consonância com os gêneros textuais escolhidos: Gênero oral (entrevista) e Documentário Fílmico.

Em um primeiro momento, foram discutidas em sala questões voltadas para o conceito que os alunos tinham acerca do vocábulo cidadania. Nesse momento, depoimentos diversos foram apresentados, exemplos do exercício deles enquanto cidadãos foram explorados, sempre se colocando em pauta a oralidade e a liberdade de expressão, deixando o aluno livre para expor e questionar. Percebemos que alguns deles, ainda tímidos, não se expuseram, mas concordavam com os exemplos citados pelos outros. Notamos nesse primeiro instante que o aluno da EJA, embora adulto, tem receio de falar em público, mesmo que seja um público pequeno, talvez por não ter tido oportunidade ou pela timidez mesmo.

O segundo passo foi trabalhado com base no livro didático de Português do aluno, que apresentava o trabalho com o gênero entrevista, fazendo reflexão sobre os direitos dos índios. Houve uma leitura prévia, um levantamento de hipóteses sobre o que texto trataria, questionamos

aos discentes se eles sabiam o que era uma entrevista. Todos disseram que sim, mas pouco já haviam lido uma entrevista em revista ou jornal.

Os gêneros trabalhados tiveram como pano de fundo a cidadania, dentre a temática geral trouxemos subtemas como as causas indígenas e o direito do idoso, mais propriamente o preconceito e discriminação sofrido por ambas as classes, o que nos levou a discutir sobre minorias e preconceito de uma forma geral para depois nos deter somente aos temas em pauta e que o livro didático de português também abordava, aproveitamos ainda para trabalharmos questões gramaticais, trouxemos slides e dinâmicas como “A caixa das ações” para explicar as vozes verbais, ativa e passiva, numa interatividade constante; trabalhamos também o sujeito e noções básicas de orações coordenadas e subordinadas, com o auxílio de outras dinâmicas, como a do dado, em que cada lado continha uma frase para que o aluno identificasse os conceitos já trabalhados. Isso tudo para facilitar o aprendizado e tornar as aulas mais interativas, na perspectiva de que o discente se posicionasse e aprendesse com isso.

Seguindo a sequência das atividades trabalhadas em sala de aula, trouxemos vídeos, slides, exposições de atividades gramaticais não tomando com base exclusivamente o livro didático, mas buscando mais fontes para completar os conteúdos em pauta. Uma das primeiras atividades que passamos, foi a da entrevista, em dupla, os alunos tinham que entrevistar o colega sobre seus interesses de vida, se ele se sentia um cidadão ativo perante a sociedade e demais perguntas referentes a vida de cada um, ao final era um coleta de dados, para em seguida, organizar um texto biográfico sobre o entrevistado, depois desses passos a apresentação sobre o colega, lembrando de contextualizar quem era a pessoa entrevistada, o que ela fazia e iniciar a leitura, que neste caso, poderíamos chamar de uma pequena pesquisa biográfica feita pelos alunos, constituindo-se sua primeira produção escrita naquele momento.

O primeiro tema trabalhado foi as causas indígenas, por meio de discussões, slides, leituras, exibição de vídeos e atividades do livro foram usados para aprofundar o assunto. O segundo tema foi o direito do idoso, que trabalhamos também com diversas fontes, trouxemos o conto “O grande passeio” de Clarice Lispector que foi lido de forma estratégica, com pausas, suspenses, perguntas; o poema “O retrato” de Cecília Meireles que se tratavam também do tema em questão, que foi apresentado aos alunos em forma de jogral pelos 5 (cinco) bolsistas. Podemos relatar que o tema do idoso se estendeu mais e deu resultados mais significativos, porque conseguimos realizar uma mesa-redonda em sala de aula para nossos alunos e demais turmas também da EJA que vieram

prestigiar o momento; na ocasião tivemos a presença de Carlos Augusto Morais¹ para falar sobre o Estatuto do Idoso, explicar leis e tirar dúvidas, também a indispensável presença de três idosos² para relatar sobre suas experiências de vida, e deixar conselhos e reflexões para todos os presentes, o que foi bastante interessante, pois os alunos puderam fazer entrevistas e se posicionar também. Convidamos idosos da comunidade circunvizinha da escola, com perfis variados, para atender ao propósito da mesa, esclarecer o regimento do Estatuto do Idoso e relatar experiências em que ele fora ou não cumprido.

No momento da mesa-redonda tivemos a oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas e ouvir histórias de vidas que contribuíram para as nossas. Outra atividade que rendeu foi a prévia do documentário, este, no entanto, já era uma das últimas, os alunos com auxílio dos bolsistas produziram seu próprio documentário sobre todas as experiências e aprendizados adquiridos ao longo do ano, utilizando-se de recursos tecnológicos, como notebooks, celulares e a sala de informática da escola.

Assim como a mesa, tivemos ainda como bom resultado a realização de uma noite de cidadania na escola, como relatado anteriormente, o projeto por nós idealizado “Cidadania em ação na escola”, no momento não só profissionais de fora vieram prestigiar o evento com seu trabalho voluntário, como também alguns alunos da turma se disponibilizaram a vir com o intuito de contribuir, foi o caso de duas alunas, que na função de manicure, também prestaram serviços gratuitos e puderam divulgar seu trabalho, mães de alunos participaram como depiladoras, e para a efetivação emitimos certificados aos profissionais presentes, a fim de que fosse dada a seriedade do evento.

Todas as atividades realizadas durante o plano de ação foram registradas por nós e pelos alunos da escola campo, com o propósito de, ao final, produzir um documentário fílmico, mesmo de forma artesanal, utilizando-se de recursos como o celular, notebook e o programa de PowerPoint. O trabalho coletado foi encaminhado a um profissional que trabalha com edição de vídeos para que o documentário ganhasse um caráter mais elaborado e pudesse ser exibido, posteriormente, às turmas da escola, em especial, ao 9º ano da EJA.

¹ Bacharel em Direito - Facep

² Raimunda Sena Câmara, Maria Ivete Lins Queiroz e Antonio Mendes de Queiroz

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme assinala a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos, a escola deve oferecer aos alunos matriculados a possibilidade de desenvolver as competências necessárias para a aprendizagem dos conteúdos propostos no currículo como a de aumentar a sua consciência em relação ao estar no mundo, ampliando ou criando a capacidade de participação social no exercício da cidadania. Dessa forma, diante dos relatos apresentados neste artigo, podemos dizer que a escola é a porta de acesso para esses alunos perceberem que ser cidadão vai além do exercício de alguns deveres e direitos conhecidos por eles.

A partir do momento em que a escola nos dá espaço para eventos, mesmo que pequenos como o da noite da cidadania e a mesa-redonda, estamos cada vez mais difundindo a cidadania, uma vez que os alunos aprendem a ser participativos, mais solidários, que precisamos uns dos outros e que ajudar é muito importante. O papel da escola no contexto cidadão é imprescindível, porque ela tende a ser inclusiva e diversa, como bem diz Santos (2007):

A escola é uma realidade histórica em processo contínuo. É preciso que seja entendida como uma instituição voltada para a realização da prática pessoal e social, contextualizada nas dimensões espacial e temporal, revestida de caráter contraditório e complexo. É preciso privilegiar sua abordagem como processo, não produto acabado. A escola não é, e, sim, está sendo. (SANTOS, 2007, p. 25).

Por meio de atividades lúdicas, reflexivas, envolventes, o aluno da EJA pode estabelecer um elo com a função social de certos textos, de certos trabalhos voluntários, de atividades simples do cotidiano, com o propósito de perceber que ser cidadão é ser alguém que atua no contexto em que vive como um ser agente, participativo, crítico.

Quando nos propusemos a utilizar os gêneros Entrevista e Documentário, tínhamos em mente que seriam os suportes adequados para permitir aos alunos a possibilidade de serem esses agentes, uma vez que eles atuaram, entrevistando ou filmando, produzindo e relatando. No curso das aulas, a interação aconteceu e através de temas voltados aos direitos do idoso e à cultura indígena, o aluno produziu pequenos textos e relatos colocando em prática a escrita, articulando-se com os PCNs, numa proposta interativa de cunho funcional.

Acreditamos que esse trabalho deixou frutos para esses jovens, antes mudos e passivos, agora ativos. Trabalhos como esses fortalecem o exercício do profissional da educação, sobretudo,

dos bolsistas do PIBID, alunos de licenciatura que estão na iminência de gerir, de fato, uma sala de aula permeada de tantos desafios e dificuldades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, U. F. **Ética e Cidadania: Construindo Valores na Escola e Sociedade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. 3.ed. Brasília: Mec – SEF,2001.10v.

FERREIRA, Priscila Ramos de Azevedo. **Caminhar e transformar-Língua Portuguesa: anos finais do Ensino Fundamental: Educação de Jovens e Adultos**. 1 ed. São Paulo: FTD, 2013.

GERALDI, J. W. (org). **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ática, 2003.

LODI, L. H. **Ética e Cidadania: Construindo Valores na Escola e Sociedade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MARCUSHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais e funcionalidade**. *In Gêneros Textuais e Ensino*. DIONÍSIO, Ângela Paiva. Machado, Anna Rachel (orgs). 2 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

SANTOS, M. T. C. T. **Ética e Cidadania: Construindo Valores na Escola e Sociedade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.